



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ANDREZA DANIELE BERNARDO DE JESUS

**ENTRE O FICTÍCIO E O REAL: ESCRITA E ORALIDADE NO FILME
*NARRADORES DE JAVÉ***

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

ANDREZA DANIELE BERNARDO DE JESUS

ENTRE O FICTÍCIO E O REAL: ESCRITA E ORALIDADE NO FILME
NARRADORES DE JAVÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

J56e

Jesus, Andreza Daniele Bernardo de.

Entre o fictício e o real : escrita e oralidade no filme Narradores de Javé / Andreza Daniele Bernardo de Jesus. - 2024.

41 f. : il., color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola.

1. Narrativa (Retórica). 2. Roteiros cinematográficos - História e crítica. 3. Tradição oral.
I. Narradores de Javé (Filme) - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 808.8023

À minha querida avó, Cleusa, a contadora
de histórias extraordinárias, cujas
palavras tecem o tapete mágico dos
nossos momentos mais preciosos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de primeiramente agradecer a Deus, pelo dom magnífico da vida e por toda força que Ele tem me proporcionado até este momento. À minha querida mãe, Kátia, dedico a minha mais profunda gratidão, pois ela é o meu maior exemplo de força, garra e amor aos estudos. Ao meu pai, Daniel, agradeço por sempre me proporcionar as melhores oportunidades, incluindo uma educação de qualidade. Às minhas tias Carla e Elane, meu sincero agradecimento por sempre demonstrarem apoio e amor ao longo da minha caminhada.

À minha avó Cleusa, por sempre ser uma mulher à frente do seu tempo na sua forma de pensar e sempre me dar as melhores palavras em momentos bons ou delicados, toda minha gratidão. À minha melhor amiga, Bheatriz, agradeço por seu apoio incondicional e por trazer leveza aos momentos mais desafiadores com seu humor único; além disso, quero agradecer por ter dedicado seu tempo e contribuído para este trabalho. A Joice, minha amiga durante toda a minha trajetória universitária, meu sincero agradecimento por sua amizade constante. Agradeço, ao meu tio Vinicius, por ter dedicado um pouco do seu tempo para ler este trabalho: muito obrigada. O mais profundo obrigada e gratidão ao meu orientador, Carlos Maroto Guerola, por aceitar me orientar, pela sua dedicação e pela paciência demonstrada ao longo deste trabalho. Sem sua orientação e apoio, este trabalho não teria sido possível.

Por fim, quero expressar minha sincera gratidão a todos os colegas, professores e funcionários que compartilharam comigo esta jornada na UNILAB. Esses quatro anos foram uma fase de profundo aprendizado e crescimento tanto profissional quanto pessoal, da qual guardarei boas memórias.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central a análise de representações sobre escrita e oralidade no filme *Narradores de Javé* (2003). Destaca-se o conflito entre oralidade e escrita na validação da história de uma comunidade não alfabetizada e se leva em consideração a memória como algo que pertence ao individual de cada um mas que é muito significativa para a preservação das narrativas orais das comunidades; atrela-se a discussão ao cinema, no intuito de refletir sobre como o meio cinematográfico valoriza e explora essas narrativas, ressaltando sua relevância para o meio social. As conclusões da pesquisa dizem respeito a quanto as narrativas orais de um povo são de suma importância para a sua existência, assim como seu registro escrito, quer no sentido fictício (como no filme analisado), quer na vida real.

Palavras-chave: Narradores de Javé (filme) - crítica e interpretação; narrativa (retórica); roteiros cinematográficos - história e crítica; tradição oral.

ABSTRACT

This respective work has as its central theme the analysis of writing, orality and memory, in the film *The Storytellers* (2003). Highlighting the conflict between orality and writing in validating the history of a non-literate community, also taking into consideration memory, as something that belongs to each individual, and how significant it is for the preservation of oral narratives. Linking these themes to cinema, demonstrating how the cinematic environment values and explores these stories, highlighting their relevance to the social environment. The main objective of this work is to show how the oral narratives of a people are extremely important for the permanence and relevance of the existence of a people, both in the fictional sense that is based on the film to be explored, and in the real context.

Keywords: *Narradores de Javé* (film) - criticism and interpretation; film scripts - history and criticism; narrative (rhetoric); oral tradition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mãe de Souza lendo o livro.....	15
Figura 2	Zaqueu e Vado reunidos com o povo de Javé anunciando a construção da represa.....	16
Figura 3	Antonio Biá.....	17
Figura 4	Parede da casa de Antonio Biá.....	18
Figura 5	Indalécio conforme a narrativa de Vicentino.....	19
Figura 6	Mariardina conforme o relato de Deodora.....	20
Figura 7	Antonio Biá, Gênio e Outro.....	21
Figura 8	Daniel contando o que aconteceu com seu pai.....	21
Figura 9	Samuel traduzindo as perguntas de Biá para Pai Cariá.....	22
Figura 10	Povo de Javé reunido questionando Biá, Zaqueu está segundo o livro da salvação.....	23
Figura 11	O povo reunido contando as suas histórias para Biá após a chegada das águas.....	23

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO: COMO CHEGUEI ATÉ AQUI.....	10
2	JUSTIFICATIVA.....	11
3	OBJETIVOS.....	13
3.1	GERAL.....	13
3.2	ESPECÍFICOS.....	13
4	SOBRE O FILME.....	14
4.1	O ENREDO DOS <i>NARRADORES DE JAVÉ</i>	15
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
5.1	MEMÓRIA E ORALIDADE.....	24
5.2	RELAÇÃO MÉMORIA, ORALIDADE, NARRATIVA E ESCRITA NO FILME <i>NARRADORES DE JAVÉ</i>	30
6	REPRESENTAÇÕES DE ORALIDADE E ESCRITA NO FILME <i>NARRADORES DE JAVÉ</i>.....	33
6.1	METODOLOGIA.....	33
6.2	REPRESENTAÇÕES DE ORALIDADE NO FILME <i>NARRADORES DE JAVÉ</i> ..	34
6.3	REPRESENTAÇÕES DE ESCRITA NO FILME <i>NARRADORES DE JAVÉ</i>	36
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 APRESENTAÇÃO: COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

Natural de Santo Amaro/BA, aprendi a ler aos 6 anos em uma turma de alfabetização, que hoje corresponde ao primeiro ano do ensino fundamental. Porém, antes mesmo de passar por esse processo na escola, eu já tinha o conhecimento das letras, pois comecei sendo ensinada em casa por minha tia Elane, que é professora. Assim, quando iniciei a escola na educação infantil, a qual cursei dos três aos cinco anos em uma escola privada, eu já sabia reconhecer as letras e ler placas na rua; depois, cursei a alfabetização e a 1ª e 2ª séries dos anos iniciais do ensino fundamental em outra escola particular.

Posteriormente, fui para uma nova escola privada (a terceira), onde cursei a 3ª, 4ª e 5ª séries dos anos iniciais do ensino fundamental. Nessa escola, conforme me contou minha mãe, ela me colocou porque tinha uma frase em um cartaz, na secretaria, que dizia que lá você poderia ser o que quisesse. Essa frase fez com que ela acreditasse que lá iriam respeitar meu jeito de ser: desde pequenininha, não gostava de fazer o que os outros faziam; como, por exemplo, no dia em que se comemorava o dia dos povos indígenas (o “dia do índio”), quando as outras crianças saíam da escola com o rosto e o corpo pintados e eu, que não gostava, saía da escola só com a palma da mão pintada.

Lá eu sofria muito *bullying* por parte de alguns colegas que não respeitavam esse meu jeito, embora minha mãe fosse na secretaria da escola constantemente. Finalmente, após cursar três anos nessa escola, acabou me levando para outra instituição de ensino. Fui para mais uma escola particular, onde cursei a 6ª, 7ª e 8ª séries dos anos finais do ensino fundamental (a saga dos três anos, já que em cada uma delas fiquei no máximo por três anos). Naquele período estava tendo a transição para o ensino fundamental de 9 anos.

Na 8ª série (que corresponde ao 9º ano atualmente), perdi de ano na disciplina de Língua Portuguesa, e minha mãe resolveu me mudar de novo de escola. Colocou-me para repetir o ano em outra escola (a quinta e última), também particular, na qual a diretora lhe aconselhou a me matricular na CPA (Comissão Permanente de Avaliação), na disciplina de Língua Portuguesa, em uma escola pública: lá eu fiz a prova e fui aprovada. Passei a cursar o ensino médio nessa escola pública naquele mesmo ano. Com o dinheiro com que antes ela pagava a mensalidade, minha mãe aproveitou e me matriculou em um curso de inglês, o qual era um desejo meu e vinha pedindo a ela para me matricular havia algum tempo. A escola de idiomas em que fui matriculada era a CCAA (Centro de Cultura Anglo-Americana), na cidade de Feira de Santana. Após o período de 5 anos, me formei em Língua Inglesa.

Ainda sobre a minha educação regular, cabe destacar que o fato de eu cursar todo o Ensino Médio em uma escola pública, naquela época, já era uma possível porta de entrada para uma faculdade federal, devido à lei de cotas que poderia auxiliar o ingresso de estudantes da rede pública nacional no ensino superior. Foi desta maneira que ingressei na UNILAB, por meio do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), no ano de 2018. Quando fiz a inscrição em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa na UNILAB também me inscrevi, como segunda opção, na Licenciatura em Artes da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), onde passei também. Como já estava cursando Letras, resolvi continuar nesta universidade.

Embora esteja concluindo o curso de Letras, não é o curso dos meus sonhos, pois o que realmente desejo é cursar Cinema. Conheci a UNILAB por intermédio de minha mãe, pois ela cursou Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e Licenciatura em História na instituição. Tive minha primeira experiência com sala de aula e regência de classe em uma escola de inglês, a KNN (KNowledge Now), em São Francisco do Conde; posteriormente, nos estágios obrigatórios e com a minha participação no programa de Residência Pedagógica, que foi uma oportunidade de ampliar minha experiência ao me aproximar da sala de aula em uma escola de Ensino Médio, onde há públicos diversos e muitas trocas de aprendizado, o que enriquece o nosso conhecimento, pois, no ato de ensinar, aprende-se também.

Atualmente continuo exercendo a docência em uma escola pública municipal na cidade de Saubara/BA, como professora de inglês nos anos finais do Ensino Fundamental. Estou somando às experiências anteriores a experiência de lidar com um novo público, os adolescentes, e sigo trocando e adquirindo conhecimento e experiências.

2 JUSTIFICATIVA

Desde cedo, desenvolvi um interesse genuíno pelo cinema. Para mim, a escolha de cursar Cinema sempre foi algo óbvio. Acredito que essa área oferece um espaço amplo para explorar a criatividade de maneiras diversas. enxergo o curso de Cinema como uma oportunidade de me envolver em algo que verdadeiramente desejo, o que, portanto, me permitiria aproveitar ao máximo a diversidade de disciplinas e possibilidades que o curso possa oferecer.

Desde muito nova, desenvolvi uma forte ligação com o cinema. Lembro vividamente de quando meus pais me levavam às locadoras, onde eu escolhia meticulosamente um filme para

alugar e assistia repetidamente até a data de devolução. Além disso, recebia muitos DVDs de presente de minha mãe e tias, que sempre me traziam uma cópia de algum filme de animação quando voltavam da capital, Salvador. Essa experiência era especialmente significativa para mim na época, já que não tinha muita vontade de sair de casa e não me sentia muito à vontade para interagir com outras crianças. Assim, passei boa parte da minha infância imersa em diversos filmes. Conforme fui crescendo, meu acesso a uma variedade ainda maior de filmes aumentou, e percebi que o cinema era uma forma de arte que me envolvia de maneira única e profunda.

Narradores de Javé foi um título que guardei na memória a partir de uma aula de Estágio, ministrado pela professora Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre, ainda no período da pandemia, a partir do qual ela abordava questões sobre analfabetismo e letramento. Achei bem interessante toda a história do filme e as reflexões tecidas pela professora a partir dele; assim, quando estava perto de decidir sobre o que meu TCC seria, resolvi assistir a obra por completo. Foi uma experiência muito interessante, primeiro ao perceber toda riqueza de diálogos que o filme traz e também em decorrência da temática, que é, de fato, atemporal em nossa sociedade, além do fato de como esse filme é tão representativo do nosso cinema brasileiro. Após assistir ao filme, decidi fazer minha monografia sobre ele, pois percebi que a temática principal que nele é abordada tem tudo a ver com o meu curso, a Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

O principal intuito deste trabalho é analisar os discursos do filme *Narradores de Javé* que emergem das representações das modalidades oral e escrita da linguagem e das narrativas associadas a elas no filme. Busco, assim, discutir em torno do papel e relevância da oralidade em nossa sociedade, das histórias locais e de se manter viva a história de um povo como modo de forjar e preservar sua identidade.

Anseio, com este trabalho, refletir em torno das representações das narrativas contadas de forma oral, as quais são importantes para a existência e reafirmação da história de um povo, a respeito de possíveis contradições entre os relatos que são narrados de indivíduo para indivíduo e de geração em geração, pois cada novo transmissor ou época vai adicionando seus pontos de vista às histórias, fazendo um paralelo para que a ficção, de algum modo, possa se relacionar com a realidade.

Buscarei refletir, como explicita o filme, em torno de até que ponto é necessário que a história seja escrita para ser validada, já que muitas vezes as histórias contadas de forma oral, aqui no Brasil, realmente são deslegitimadas por se alegar que não têm registro escrito, e também em torno dos discursos de memória de um povo e de como a história é ideológica, pois ela sempre é narrada a partir do ponto de vista de quem a está contando.

As reflexões acerca das narrativas locais de qualquer região são de suma importância para o desenvolvimento humano em sociedade, tanto por fornecerem conhecimento sobre raízes, como também por possibilitarem que haja sensibilidade e consciência em relação aos problemas existentes nas sociedades.

Após estabelecer os objetivos na próxima seção, no capítulo "Sobre o Filme", apresento diversas informações sobre *Narradores de Javé*, incluindo sua origem e reconhecimento, destacando os prêmios que recebeu. Em seguida, forneço uma análise abrangente do enredo, descrevendo sua evolução narrativa e seus principais acontecimentos. No capítulo "Fundamentação Teórica", exploro a complexa relação entre memória e narrativas orais, utilizando contribuições de autores como Conceição Evaristo, Hampaté Bâ e Maria Aparecida Bergamaschi. Suas reflexões enriquecerão a compreensão das temáticas abordadas no filme, tais como oralidade, memória, escrita e cinema. Por fim, na seção "Representações de Oralidade e Escrita no Filme *Narradores de Javé*", descrevo a metodologia utilizada para a análise das representações e exponho como esses elementos se manifestam ao longo da narrativa cinematográfica.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- Refletir em torno da relação entre memória, história, oralidade, escrita e cinema, particularmente a partir da análise do filme *Narradores de Javé*.

3.2 ESPECÍFICOS

- Discutir a relação entre a oralidade e a escrita;
- Refletir em torno de narrativas e sua relação com a memória e a oralidade;
- Analisar representações de oralidade e escrita no filme.

4 SOBRE O FILME

Narradores de Javé, lançado, em 2003, em Cannes e, aqui no Brasil, em janeiro de 2004, é um filme dirigido por Eliane Caffé e roteirizado por ela junto a Luis Alberto de Abreu. O filme foi rodado em Gameleira da Lapa, que é um distrito no município brasileiro do Sítio do Mato, na Bahia.

Uma curiosidade sobre a inspiração principal da trama é que quem inspirou a existência do personagem fictício de Antônio Biá seria Pedro Cordeiro Braga, que foi um contador de histórias que morava em um vilarejo, Vau, do município de Diamantina, em Minas Gerais: lá ficou conhecido como “homem-memória”. Josiley Francisco de Souza, em sua dissertação de mestrado (Souza, 2006), explicita o homem de suma importância que Braga foi para a preservação da história do seu povoado, diferente do personagem de Antonio Biá conforme é desenvolvido na trama. Eliane Caffé teve conhecimento sobre a história real do senhor Pedro Cordeiro Braga, chegou a trocar cartas com ele e a conhecê-lo pessoalmente. Juntando a narrativa dele com outras histórias que coletou pelos arredores de Diamantina, a diretora e roteirista foi construindo o roteiro de *Narradores de Javé* e suas histórias, umas baseadas na realidade e outras inventadas.

Durante as filmagens, a população local de Gameleira da Lapa foi de grande ajuda, inclusive participando efetivamente do elenco do filme, o que trouxe mais realismo para a história que é ali contada.

Da época do lançamento até os dias atuais, o filme tem ganhado bastante prestígio, principalmente devido a seus prêmios, tanto nacionais como internacionais. Segundo a coleção Videoteca USP¹, *Narradores de Javé* ganhou nove prêmios no Festival de Recife de 2003, incluindo o de melhor filme; esse prêmio também foi recebido no *Independent Film Festival* de Bruxelas, na Bélgica, em 2003. O filme foi também o grande vencedor do Festival do Rio em 2003, onde levou os prêmios de melhor filme, de melhor ator e do júri popular. No Festival de Cinema das Três Américas de Quebec, no Canadá, também foi premiado, no ano de 2004, como melhor filme.

Atualmente o filme segue tendo muita relevância, pois é muito utilizado como material didático por professores em escolas, para tratar de temas que vão da conscientização em relação ao meio ambiente e às narrativas e histórias contadas de forma oral até temáticas como o

¹ Disponível em: <https://igc.usp.br/biblioteca/recursos/videoteca/>. Acesso em: 11 maio 2023.

analfabetismo. A memória e a história, conforme representadas no decorrer do filme, trazem à tona discussões e reflexões sobre diversos assuntos que permeiam nossa sociedade na contemporaneidade.

4.1 O ENREDO DOS *NARRADORES DE JAVÉ*

O filme inicia com um homem correndo com uma mochila nas costas porque vai perder uma barca. Vê o barco partir e para na margem do rio São Francisco, onde é possível ver o pôr do sol, o que significa que já estaria perto do fim do dia. Por conta disso, ele se dirige a um barzinho onde estão alguns clientes sentados nas mesas. O viajante fica sentado em uma cadeira ouvindo música em seu *walkman* com fones nos ouvidos, até que decide pedir uma água de coco; logo, se dirige ao balcão, onde faz o pedido a uma senhora que aparenta ter mais de 60 anos de idade (ver figura abaixo). Ela está distraída, sentada, lendo um livro atrás do balcão do bar, o que faz com que não se dê conta do pedido do viajante. Souza, um jovem com cabelos compridos, interrompe e dá um sermão à mãe, falando que é para ela parar de ler livros, assim pedindo para ela fechar logo o livro, ato que ele mesmo faz. O viajante volta a sentar-se na cadeira, e Zaqueu, um senhor que aparenta ter mais de 50 anos de idade, alto e com cabelo curto e grisalho, percebendo a apreensão do rapaz por ter perdido a barca, pede para ele não se desesperar, pois logo chegaria outra. Souza, após notar que a mãe ainda não trouxe a água de coco do rapaz, pois continua lendo o livro, diz: “Depois de velha, resolveu aprender a ler”. Esse comentário faz com que Zaqueu diga que às vezes pode ser bom saber ler.

Figura 1 - Mãe de Souza lendo o livro



Fonte: *Narradores...* (2004).

Partindo desse ponto, no centro de uma roda de pessoas atentas, na qual se incluem Souza e o viajante, ao que está a dizer no bar, Zaqueu começa a contar a história do Vale do Javé, um pequeno povoado onde nasceu e cresceu, onde toda população não sabe ler nem escrever.

A partir desse momento, o filme começa a contar, a partir do ponto de vista de Zaqueu, uma história que se inicia, tendo como pano de fundo o Vale do Javé, em uma reunião comunitária em que os moradores do Vale são informados de que sua cidade está ameaçada de ser inundada devido à construção de uma represa. Zaqueu, juntamente com Vado, outro morador do Vale cuja aparência é muito parecida com a de Zaqueu (ver figura abaixo), por ser um senhor alto de cabelos grisalhos, trazem essa informação à população, que está extremamente agitada. A notícia desencadeia o desejo de salvar Javé. Zaqueu então anuncia que perguntou aos engenheiros o que poderia ser feito para que Javé não fosse inundada, e o engenheiro que trabalhava na construção da represa lhe respondeu que o Vale do Javé precisaria ser tombado, ou deveria ser tomada outra medida dessa índole, já que ninguém tinha nenhum documento comprovando que tinha direito àquelas terras, pois os terrenos na época eram “cantados” (essa prática seria uma manifestação da cultura popular e da tradição oral na qual as cantigas seriam compostas de versos que descrevem os limites do terreno e seriam cantadas durante o processo de demarcação, envolvendo os proprietários das terras e outras pessoas da comunidade), ou seja, sua propriedade não tinha nenhuma comprovação escrita, o que leva à decisão de documentar a história da cidade. Sendo assim, a assembleia toma a decisão de criar um “livro científico” para fundamentar seu tombamento.

Figura 2 - Zaqueu e Vado reunidos com o povo de Javé anunciando a construção da represa



Fonte: Narradores... (2004)

Mas como ocorreria a criação desse “livro científico”? Como iriam colocar no papel todas as histórias do Vale, se nenhum dos moradores da comunidade sabia ler ou escrever? Vado faz esse questionamento à comunidade, que propõe que chamem Antônio Biá, homem de estatura mediana, que aparenta ter 50 anos, com cabelos pretos, que trabalhava nos correios, mas acabou sendo demitido porque, para não perder o emprego (já que ninguém na comunidade sabia ler ou escrever e, portanto, não havia necessidade de existir um correio ali, pois ninguém enviava nem recebia cartas), Biá escrevia cartas criticando o povo do Vale e as colocava no correio, para assim fazer com que a agência funcionasse. O povo descobriu a fraude e planejaram expulsá-lo de Javé.

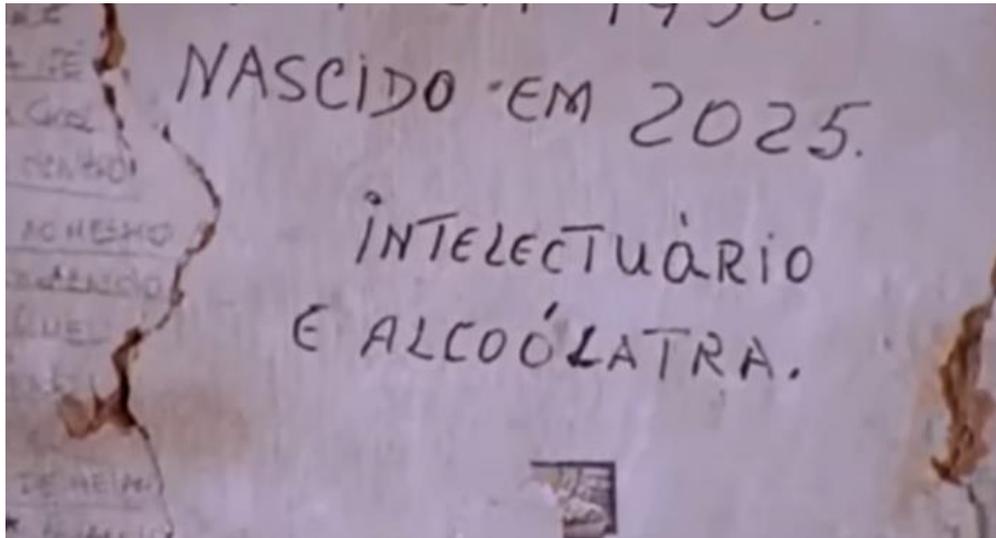
Figura 3 - Antonio Biá



Fonte: Narradores... (2004).

Vado, juntamente com Firmino, outro morador do Vale de estatura mediana e cabelos enrolados, junto a um outro morador (não identificado), vão até a casa de Biá buscá-lo no braço, momento que é ilustrado em uma cena cômica de luta para conseguir tirá-lo da casa e levá-lo para a reunião da comunidade. Na cena, pode-se apreciar o lugar aparentemente abandonado onde vive Biá, onde há várias frases escritas na parede nas quais ele parece criticar a si próprio: “Intelectuário e Alcoólatra” é uma das frases que está em evidência na cena (ver figura abaixo), junto com vários outros rabiscos.

Figura 4 - Parede da casa de Antonio Biá



Fonte: Narradores... (2004).

À chegada de Biá na reunião da comunidade, são mostradas para ele todas as cartas que escreveu falando do povo na intenção de manter seu emprego nos Correios e lhe dizem que agora ele tem uma missão: redimir-se com o povo da comunidade escrevendo o livro em que vai ser contada a história de Javé. Biá questiona o quê de relevante aconteceu com o povo de Javé. Zaqueu mais uma vez fala para Biá que essa é a forma de ele se redimir com o povo; se ele não aceitasse, seria expulso de vez de Javé. Então Biá questiona quanto tempo ele teria para passar essas histórias para o papel, e Zaqueu diz que, assim que ele voltar de viagem, quer as histórias prontas. Zaqueu aparenta ter um papel de líder daquela comunidade, pois, para além de comunicar as coisas para o povo, presta serviço aos moradores, já que ele possui um meio de transporte e traz encomendas para o pessoal do Vale, como é retratado em uma cena em que entrega uma dentadura para um senhor de idade e anota mentalmente o pedido de uma senhora, dizendo que pode gravar tudo na mente, sem precisar escrever.

Assim começa Biá indo de porta em porta, com um livro em branco, denominado “livro da salvação”, onde ele pretende registrar as histórias do povo de Javé. O primeiro narrador é um dos mais antigos moradores de Javé, chamado Vincentino Indalécio da Rocha, um senhor idoso que aparenta ter 70 anos e começa seu depoimento dizendo que Indalécio, fundador de Javé (ver figura abaixo), é seu ascendente direto. Mostra uma arma e afirma que ela pertenceu a Indalécio. Durante a narração das histórias dos moradores, elas aparecem dramatizadas no filme, o qual usa essa estratégia para sugerir que os narradores sempre contam sua versão da história: o protagonista da cena de cada narrativa encenada é quem está contando a narrativa, que interpreta seus antepassados. Vincentino segue contando a história de Indalécio a partir do

seu ponto de vista, que seria: Indalécio era um homem que foi expulso de suas terras pelo Rei de Portugal, que estava interessado em seu ouro; desse modo, ele partiu montado em seu cavalo branco, junto de seu povo, que carregava nas costas um sino de ouro, objeto de grande valor. Um dia, vendo todos andarem com fome, matou um boi para alimentá-los. Antonio Biá ouviu tudo, porém não transcreve uma linha; ele decide que irá narrar os acontecimentos da forma que ele achar mais coerente e que for chamar mais a atenção da população local, ou seja, que irá reinventar a história, enfeitá-la, e diz que o fato acontecido tem que ser diferente do fato escrito, pois o escrito tem que ser feito para chamar a atenção do povo.

Figura 5 - Indalécio conforme a narrativa de Vicentino



Fonte: Narradores... (2004).

Após sair da casa de Vicentino, ele vai para o barbeiro, que lhe ofereceu fazer sua barba por seis meses de graça caso fosse incluído no livro, mesmo “de forma arranjada”. Antônio Biá retrucou inicialmente, mas depois aceitou, porém em troca de um ano de barba grátis. Para ter uma ideia de como escrevia a história de Javé, é nessa cena que Antônio Biá afirma que, se o sujeito é manco, ele coloca que ele não tem perna, isto é, que a história sempre tem que ser exagerada ou enfeitada.

Quando chega na casa de outra moradora, chamada Deodora, ela lhe conta da importância, na história de Javé, de Mariardina, que era um antepassado seu: no filme novamente entra a dramatização da memória da narradora: nas imagens, Deodora vira Mariardina (ver figura abaixo) enquanto conta a história para Biá. A história contada por ela seria a seguinte: Mariardina, unida ao bando de Indalécio, via diversas pessoas morrerem de fome durante a procura de terras adequadas para moradia. O chefe do grupo não descansava enquanto não encontrasse o lugar adequado, até que um dia ele morre em cima de seu cavalo.

Mariardina, forte e destemida, monta no animal e desaparece durante um dia e uma noite, até que finalmente consegue encontrar o local onde estabelecer o novo povoado. Ela canta os limites das fronteiras de Javé. O relato era perfeito para a mulher que se dizia da família da guerreira; entretanto, Firmino contesta sua versão dizendo que Indalécio e seus seguidores encontraram Mariardina no vale e ela era uma sujeita enlouquecida que não dizia coisa com coisa. Ademais, ele a contradiz afirmando que o guerreiro não morreu em cima do cavalo, mas sim agachado, de disenteria, com diarreia. Como o povo não consegue decidir qual narrativa é verídica, Biá abriu uma votação em torno da história de Mariardina, para decidir com qual das versões ficar. Não obstante, ele contextualiza a votação dizendo que “a história é de vocês, mas a escrita é minha”. Finalmente, ele vai embora prometendo voltar depois. Contudo, o povo do povoado sai atrás de Biá, cada quem querendo contar sua história para ele.

Figura 6 - Mariardina conforme o relato de Deodora



Fonte: Narradores... (2004).

Após passar a noite bebendo, Biá é acordado pelos moradores, que o levam à casa de Gênio, quem conta que a ossada de Indalécio está enterrada no terreno que pertencia a seu pai, Cosmo. Na casa (ver figura abaixo), o irmão de Gênio, apelidado como “Outro”, mostra a Biá a fotografia de sua mãe junto a dois irmãos gêmeos, Cosmo e Damião, que seriam seu pai e seu tio. A seguir, Gênio relembra que seu tio e seu pai se apaixonaram pela mesma mulher, Margarida, a qual escolheu ficar com Cosmo. Após uma confusão entre os irmãos, Biá fica revoltado ao perceber que a história dos gêmeos não iria levar para lugar nenhum e abandona o lugar.

Figura 7 - Antonio Biá, Gênio e Outro



Fonte: Narradores... (2004).

Antonio Biá vai então conversar com Daniel a respeito do Vale. Esse morador lhe conta sua versão em torno do que ocorreu com seu pai, chamado Isaías, mostrando a arma do mesmo. Relata como, um certo dia, um cavaleiro entrou na sua casa e seu pai o matou e, a partir desse dia, nunca mais teve medo de nada. Por isso, em relação a ter que sair de Javé, afirma que só sairá de sua casa morto. Esse relato de Daniel é inspirado na história real de Pedro Braga, pois um de seus poemas serviu como inspiração para essa cena. Em sua dissertação, Josiley Francisco de Souza conta, com base em uma declaração que obteve de Eliane Caffé em 2004 por telefone, que “uma das cenas do filme foi montada a partir de um trecho do poema autobiográfico do contador, em que é narrado o momento em que Pedro Braga comete um crime em defesa de sua mãe, que tem a casa invadida por um homem a cavalo.” (Souza, 2006, p. 147).

Figura 8 - Daniel contando o que aconteceu com seu pai



Fonte: Narradores (2004)

Posteriormente, Biá vai até um povoado, que poderia representar um quilombo, onde as pessoas falam em outras línguas, de modo que precisa de um tradutor, de nome Samuel, que é quem leva Biá para ouvir a história do ponto de vista do Pai Cariá. Este conta que o povo foi levado há muito tempo para ficar naquela parte ali do povoado, que seria uma parte da África. Diz que o nome do fundador é Indaléu, quem pegava as pessoas e as levava para esse povoado, as pessoas não sabiam o caminho de volta e agora a África estava com eles naquele povoado.

Figura 9 - Samuel traduzindo as perguntas de Biá para Pai Cariá



Fonte: Narradores... (2004).

Bêbado, e de volta a sua casa, Biá sonha que sua casa está sendo inundada, com muita água. No dia seguinte, os engenheiros chegam à cidade para começar as obras, fotografando e anotando os dados do Vale. Durante a noite, quando Biá iria mostrar o livro para os engenheiros, Daniel atira com a arma e ali ocorre um alvoroço.

No dia seguinte, alguns moradores arrumam suas coisas para sair de Javé, mas, quando o sino toca e todos vão até a igreja, ouvem as previsões de um senhor idoso, chamado São Cirilo. Zaqueu cobra de Biá o livro escrito e ele responde que à noite iria fazer a leitura do livro, no armazém. Biá, porém, não comparece à leitura e manda o livro com uma página escrita: a carta é lida por um menino que aparenta ter 13 anos; ela diz que Biá se exonerou como escrivão e que é melhor que as histórias fiquem na boca do povo, porque, no papel, não há mão que possa lhes dar razão. Nesse momento, o povo sai atrás de Antônio Biá e o prendem, enquanto ele blasfema que “Javé é um buraco perdido no ovo do mundo”, e que o povo é ignorante, que conta história de grandeza, mas não conseguirá parar a represa por causa da história de um monte de analfabetos.

Figura 10 - Povo de Javé reunido questionando Biá, Zaqueu está segundo o livro da salvação



Fonte: Narradores... (2004).

Por fim, o longa retorna à continuação da cena inicial em que Zaqueu fazia a narração da história de Javé no bar: conclui afirmando que o tempo passou e que o povo de Javé não teve tempo de fazer o resgate, “elas vieram, as águas”. É então que uma última cena de Javé no filme mostra Biá, chateado, com o povo caminhando atrás dele, querendo, ainda, apesar de tudo, continuar contando suas histórias. O filme conclui com Zaqueu, no bar, dizendo que essa é a história de Javé, para ser lida e relida pelo mundo, “e quem quiser que conte diferente”.

Figura 11 - O povo reunido contando as suas histórias para Biá após a chegada das águas



Fonte: Narradores... (2004).

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 MEMÓRIA E ORALIDADE

Nesta seção, abordarei a relação entre memória e oralidade como meios individuais de preservar histórias. Para muitos povos de tradição oral, a oralidade é a forma principal de transmitir o conhecimento guardado na memória. Farei uso de exemplos de culturas orais, como as indígenas e africanas, para ilustrar como esses dois sistemas estão interligados. Além disso, explorarei como essa interação se manifesta no cinema, compartilhando perspectivas de outras obras cinematográficas relevantes. Também analisarei a relação entre memória, oralidade, narrativa e escrita no filme *Narradores de Javé*, que nos proporciona uma reflexão sobre a importância da palavra oral e escrita.

A memória é um bem com o qual os seres humanos fomos agraciados, um bem que é seletivo, pois “a memória, entre lembranças e esquecimentos, seleciona a partir dos anseios individuais e coletivos do presente, ela seleciona aquilo que deve ou não ser rememorado.” (Pereira, 2011, p. 6).

A memória e a oralidade são fenômenos complexos que desempenham papéis fundamentais na cognição humana e na transmissão de conhecimento entre as gerações. A memória, no contexto neurológico, refere-se à capacidade do cérebro de armazenar, processar e recuperar informações. Ela é essencial para a aprendizagem, a tomada de decisões e a adaptação ao ambiente. Contudo, por ela ser seletiva, “navegar nas águas da memória é enfrentar as correntezas do mistério, do não provável, do impreciso.” (Evaristo, 2008, p. 50).

No âmbito da oralidade, a transmissão de informações por meio da linguagem verbal desempenhou um papel crucial na preservação e disseminação do conhecimento muito antes da invenção da escrita. A oralidade é uma forma de comunicação dinâmica, dependente da memória humana para preservar narrativas, tradições e informações culturais. Em relação às tradições, Hampaté Bâ comenta:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (Bâ, 2010, p 167).

A oralidade, em África e muitas outras partes do mundo, não é apenas uma ferramenta de transmissão de conhecimento e saber, mas também desempenha um papel na construção de identidades individuais e coletivas. As histórias orais refletem a diversidade cultural daquele continente, abordando questões como a relação com a natureza, as crenças espirituais e a coexistência social, e elas gozam de legitimidade, já que, como afirma Hampaté Bâ, “nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração” (Bâ, 2010, p 168).

Um exemplo interessante é a tradição oral dos povos indígenas, onde as histórias ancestrais são passadas oralmente para preservar a história, os costumes e as crenças das comunidades. Essas narrativas muitas vezes abordam a relação com a natureza, a origem do povo, a sabedoria ancestral e os mitos que explicam a existência e o propósito, havendo uma tradição rica de cantos e músicas que são utilizados em diferentes contextos, desde rituais religiosos até celebrações sociais. Essas expressões culturais muitas vezes contêm mensagens importantes sobre a história. Nesse sentido, Pucci e Almeida (2017, p. 53) afirmam que “O homem não indígena costuma dissociar o mito da história, como se ele fosse algo irreal, baseado em dados inventados. Mas, para os indígenas, o mito equivale à nossa História, pois costumava ser a única maneira de conhecer o passado”.

Destacarei aqui uma entrevista com professores de ensino fundamental de uma aldeia indígena guarani, o Morro dos Cavalos (SC), em que se discute a questão do letramento e do ensino através da oralidade para aquela comunidade, segundo a qual os alunos aprendem com mais facilidade através da oralidade do que através da escrita. O autor do estudo sintetiza a visão guarani da seguinte forma:

Eunice enfatiza a prática do ensinamento ("o ensinamento era passado na oralidade, mas ele era praticado"), colocando como pano de fundo para o seu contraste um ensinamento que não se pratica. É esse o ensinamento veiculado, desde os primórdios do contato, pela escola, instituição de conhecimento, de início, alheia à comunidade, originalmente imposta como obrigação humana universal. No princípio da sua inserção em comunidades guarani, a escola, para Eunice [Antunes, professora guarani do Morro dos Cavalos], tirou a criança da Casa de Reza e fez com que ela começasse a "perder os ensinamentos". Essa perda é relacionada por Eunice ao fato de a criança ter começado "a ficar sentado", desenvolvendo uma tarefa alheia ao "dia a dia dele" e ao "aprendizado dele", qual seja, aprender a ler e escrever (Guerola, 2014, p. 234-235).

Percebe-se assim, que o ensino na oralidade possibilita aos indígenas aprender na prática, o que aproxima a educação escolar da sua realidade, enquanto a escrita não tem a mesma relevância, pois, dependendo do contexto, não abarca o seu cotidiano com a mesma intensidade.

Por outro lado, em relação à oralidade podemos ainda destacar a figura dos *griots*, os quais desempenham um papel de suma importância na transmissão oral de histórias na cultura africana. Esses contadores de histórias são responsáveis por manter viva a memória cultural de suas comunidades e povos, utilizando a palavra falada e a música para compartilhar conhecimentos e experiências. Os griôs têm desempenhado esses papéis ao longo de séculos, contribuindo para a transmissão oral da cultura e da história em uma região onde a tradição oral é valorizada como meio fundamental de preservação do conhecimento. Eles representam uma forma única de conexão entre passado e presente, desempenhando um papel essencial na manutenção da identidade cultural africana. Para Conceição Evaristo,

A importância da palavra, da oralidade, nas culturas africanas, pode ser compreendida pela deferência que se dá ao griot (idoso). Ele tem um status especial na sociedade. Os griots da tradição africana tinham um papel fundamental na transmissão da história. Contavam sobre as genealogias de determinadas famílias. Graças ao poder e ao conhecimento que tinham das comunidades e da força de sua memória, podiam influenciar inclusive nas guerras, ao narrar, ao rememorar os feitos guerreiros dos antepassados. (Evaristo, 2008, p. 7).

Autoras como Bergamaschi (s/d, p. 4) nos informam de que estudos científicos indicam que a memória e a oralidade estão interligadas. A prática da narração oral, por exemplo, estimula diferentes áreas do cérebro relacionadas à memória, como o hipocampo e o córtex pré-frontal, sendo a repetição e a recontagem de histórias as que contribuem para a consolidação da memória, fortalecendo as conexões neurais associadas às informações transmitidas oralmente. Ademais, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. (Bergamaschi, s/d, p. 4).

A transmissão oral de conhecimento desafia a memória humana, uma vez que ela exige a retenção precisa de detalhes e a capacidade de adaptar narrativas a diferentes contextos. A oralidade, portanto, atua como um meio dinâmico de preservação cultural, permitindo que sociedades compartilhem experiências, mitos e tradições de geração em geração.

No entanto, é importante notar que a memória humana é suscetível a distorções e esquecimentos ao longo do tempo. As histórias transmitidas oralmente podem sofrer alterações, o que contrasta com a escrita e outras formas de registro gráfico, que a priori contribuem com maior facilidade a preservar a precisão do conhecimento ao longo do tempo.

Como vemos, a memória e a oralidade são componentes interligados que desempenham papéis cruciais na construção e na transmissão do conhecimento humano. A compreensão desses fenômenos é importante não apenas para a neurociência cognitiva, mas também para a

preservação e compreensão das ricas tradições culturais que foram transmitidas oralmente ao longo da história da humanidade. Para a escritora Conceição Evaristo,

considerar a memória e a oralidade como fontes incapazes ou extremamente frágeis para o registro da história é ignorar o fato de que as sociedades sem escrita são capazes de organizar sistemas e modos de vida com estruturas muitas vezes bastante complexas, e que a construção e a transmissão desse saber são sustentadas por esses dois fenômenos. (Evaristo, 2008, p. 7).

Memória e a oralidade desempenham um papel essencial na preservação da história e da tradição de uma comunidade. Narrativas orais transmitidas de geração em geração servem como registros vivos de eventos passados, conectando o presente ao passado e vice-versa e garantindo que as experiências e lições não se percam. De acordo com Galvão e Batista (2006, p. 419), para alguns pensadores grafocêntricos, isto é, que acreditam na preferência da escrita e buscam deslegitimar a oralidade, “a escrita separa também [...] o passado do presente. Nas culturas de oralidade primária o passado é utilizado para explicar o presente e aquilo que não serve a esse propósito deve ser apagado da memória.” Contudo, segundo Delgado (2003, p. 16), “em tempos passados os homens já identificavam a importância da memória como suporte construtor de identidades e solidificador das consciências.” Delgado também nos lembra que:

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (Delgado, 2003, p. 19).

Portanto, pensando a memória como construção de pensamento histórico, importa refletir como são construídas as narrativas e como são contadas. Payer (2005, p. 51) associa a oralidade e a naturalidade/espontaneidade, pois para esta autora, quando estamos contando algo, utilizamos nossa entonação, o que faz com que, a depender do jeito em que nos expressamos, o significado possa mudar completamente, assim como as diferentes reações que a narrativa possa gerar. Payer também reflete em torno da metodologia para o estudo da oralidade e a escrita:

Quando se trabalha com materiais de linguagem oral, a tendência inicialmente é considerar a oralidade simplesmente como um material de linguagem empiricamente diferente do da escrita, e se a consideramos apenas na dimensão empírica, trabalhamos com os mesmos pressupostos teóricos com que se lida com a linguagem dos documentos/textos escritos. (Payer, 2005, p. 48).

Para Moura (1997, p. 2), “a memória tem dois momentos: conservação de sensações (o arquivo) e reminiscência (o ato de lembrar)”, sendo que esses dois atos contemplam como guardamos as memórias e como é possível sua preservação. Por outro lado, Moura (1997) relaciona esses dois atos da memória com o cinema, com o qual guarda semelhanças: “O cinema tem estes dois aspectos, ele conserva, enquanto imagem, o registro de um tempo e espaço, e a sua fruição nos induz a uma lembrança.” (Moura, 1997, p. 2).

O cinema está intimamente relacionado ao que vem sendo abordado até aqui. Com a sétima arte, é possível transformar um relato oral em um roteiro e, por fim, fazer um registro fílmico, levando os telespectadores a acreditarem e se convencerem do que está ali sendo contado oralmente. Conforme afirma Moura,

O cinema é um fantasma do vivido, é o mensageiro da morte. O que vemos já morreu, mas ele cria uma ilusão de movimento e de realidade como se estivesse acontecendo aquele momento em algum lugar, talvez apenas em nossa imaginação. Mesmo que este cinema seja, como sabemos, uma memória parada no tempo. E como tal, não se articula com o presente, através do tempo. Mas, sendo ou não realidade é o seu referente e este continua conservado. (Moura, 1997, p. 5).

Gosto de pensar no cinema como a perspectiva de reprodução do que já existiu, ou do que nunca foi revelado, e é nessa perspectiva que a memória sendo contada pode ocorrer, depende do indivíduo ser convencido de tal façanha ou não. O cinema serve como uma ferramenta poderosa para a preservação da memória coletiva: filmes e documentários, por exemplo, registram eventos históricos, culturais e sociais, proporcionando uma representação visual e emocional que pode perdurar por gerações. Essas representações cinematográficas podem moldar a maneira como as pessoas lembram e interpretam eventos passados, influenciando na construção da memória cultural.

Para além da obra que aqui já está sendo discutida, trago como exemplo, para poder ampliar a discussão, o filme *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, lançado no ano de 2002, o qual oferece uma representação visceral e autêntica do dia a dia na periferia carioca. Esse filme nos traz uma reflexão em torno do real e do fictício, pois, além de retratar a violência constante no morro, aborda a discussão a respeito da forma como a história é contada dentro do próprio filme, pois tudo é impulsionado pelos olhos atentos do personagem principal, o qual tem o sonho de ser fotógrafo. Isso pode ser relacionado com a narrativa que é encontrada em *Narradores de Javé*, em torno da linguagem e das modalidades da oralidade e da escrita; em contrapartida, em *Cidade de Deus* o que respalda a história é a linguagem da fotografia conforme enxergada sob o olhar do protagonista.

Já o filme *12 anos de escravidão*, dirigido por Steve McQueen, lançado em 2013, também em linha com *Narradores de Javé* (2003) e *Cidade de Deus* (2002), aborda a história das mazelas sociais que continuam a ecoar em nossa sociedade até os dias de hoje retratando uma época marcada pela brutalidade da escravidão nos Estados Unidos, nos anos 1840. O diferencial aqui diz respeito a que o filme relata uma história de séculos passados, fatos históricos já ocorridos, lidando com a memória histórica que pode ser acessada tanto através de registros escritos, quanto através da transmissão oral e de imagens fotográficas.

Finalmente, destaco o filme *A Sociedade da Neve*, dirigido por Juan Antonio Bayona, lançado em 2023, o qual retrata o trágico acidente nos Andes que envolveu um time de *rugby*, ocorrido em 1972. Sua inclusão nesta discussão é crucial, pois por haver sobreviventes, existem os relatos de cada um a seu modo, como vemos em *Narradores de Javé*, o que ressalta a natureza fluida e interpretativa da memória. Mesmo sendo um caso já abordado em outra produção cinematográfica, este filme se destaca por oferecer uma visão mais profunda e fiel do que ocorreu, baseando-se na obra literária que o inspirou, de título homônimo. Um dos sobreviventes do evento relatado no filme afirmou que esta é a obra mais próxima do que ele viveu.

Então temos aqui o cinema como reflexo e como ficção do real, do histórico e do biográfico, apresentando narrativas diversas, com histórias que trazem a realidade cotidiana de diversas problemáticas. Cada obra aborda temáticas distintas, mas todas compartilham o objetivo comum de examinar como os eventos passados são narrados, lembrados e reinterpretados ao longo do tempo e como eles continuam a moldar nossa compreensão do mundo ao nosso redor.

A relação entre memória e cinema é bidirecional e complexa. O cinema é tanto um meio de preservar a memória coletiva quanto uma ferramenta para explorar e questionar a natureza da memória individual. Assim, como afirma Freitas (1997, p. 3), “podemos constatar que a imagem é um suporte privilegiado da memória e pode servir à construção da história em todas as suas formas, já que a história é tratada como objeto do cinema devido à sua capacidade de expressar um acontecimento, um estilo de época ou de vida”.

A capacidade única do cinema de manipular o tempo, criar experiências emocionais intensas e estimular os sentidos contribui para uma interação rica e multifacetada entre esses dois elementos. O cinema desempenha um papel de suma importância na forma como iremos recordar ou até mesmo interpretar nossas experiências tanto individuais como coletivas. Segundo Alves (2017, p. 2344), “em seus momentos iniciais, o cinema já foi observado como difusor da verdade e da realidade e que o cinematógrafo não reproduzia a história integral, mas

forneceria o incontestável, uma verdade absoluta.” Isso nos faz pensar que a combinação entre imagens, trilha sonora e diálogos faz com que em conjunto crie uma memória sensorial atrativa e envolvente para o telespectador, assim despertando e reconfigurando memórias pessoais.

Concluo com a afirmação de Freitas (1997, p. 4), para quem “o encontro entre o cinema e a história permite estabelecer um laço com a memória passada, que pode se tornar uma ação no presente e se constituir em uma maneira de tentar confortar antigas dívidas” enfatizando o potencial do cinema como um meio de preservar memórias e catalisar ações significativas no presente, destacando assim o papel vital que a arte desempenha na construção de uma consciência histórica e socialmente responsável.

5.2 RELAÇÃO MEMÓRIA, ORALIDADE, NARRATIVA E ESCRITA NO FILME *NARRADORES DE JAVÉ*

Narradores de Javé explora de maneira profunda e de forma cômica as relações entre memória, narrativa, oralidade e escrita, proporcionando uma reflexão sobre o poder da escrita e as formas de preservar a história em uma comunidade. “O filme questiona de forma humorada a clássica e conflituosa relação entre o dito e o escrito.” (Pereira, 2011, p. 3)

O filme *Narradores de Javé* trata sobre a memória, posto que toda a trama do filme tem como foco principal essa questão, os moradores daquele povoado carregam suas memórias na fala. Ele oferece uma narrativa envolvente que questiona não apenas as dinâmicas entre memória oral e escrita, mas também explora as implicações sociais e políticas dessas formas de preservação da história. *Narradores de Javé* destaca como a narrativa, seja transmitida oralmente ou por escrito, é fundamental para a construção da identidade e da resistência de uma comunidade. Contudo, é claro, essa não é a única temática que é possível identificar no filme, como suscita Vargas (2021):

Passamos pela Geografia sem relegar a História pela memória, o Direito pelo apalavrado, a Metodologia da pesquisa pela escuta. A narrativa dos *Narradores de Javé* integra múltiplos aspectos dessa constelação de conceitos pelas temporalidades mostradas e tratadas – o passado, o presente e o devir. (Vargas, 2021, p.170).

Em relação à relação entre memória e cinema, Alves comenta:

O cinema como fonte da história é comumente lembrado na renovação historiográfica que ocorreu entre os anos de 1960-70 [...], quando o ofício do historiador foi reorganizado em decorrência da inserção de novas fontes, metodologias e objetos. A partir de então, o valor histórico do cinema passa a ser percebido com uma forma de

representação do real, que vai, com o passar do tempo ganhar novos contornos e passa a tornar-se cada vez mais abordado nas análises históricas. Apesar de ter se passado mais de quarenta anos, o cinema, assim como outras fontes, é comumente ligado à ideia de “nova fonte” dentro da historiografia da nova história. (Alves, 2017, p. 2344).

Tendo como base o cinema como representação do real, em *Narradores de Javé*, nós encaramos essa reprodução: o Vale de Javé, por exemplo, nos remete a muitas cidades do interior do Nordeste, assim como suas personagens. Isso permite que o filme explore temas universais por meio de personagens que, embora fictícios, têm consonância com a realidade.

Em meio a todo esse contexto, embarcamos na história, que nos leva ao ponto principal, que é a representação da memória e a validação ou valorização da oralidade. Ao longo do filme, há uma reflexão intensa sobre a relação entre oralidade e escrita, memória e identidade cultural. A trama destaca o poder da narrativa oral na preservação da história e que a forma como a história é narrada e escrita pode influenciar, assim como a palavra falada e o que é escrito, muitas vezes de maneira distorcida, a percepção da verdade histórica, que é sempre contada por alguém:

Zaqueu – ora narrador, ora narrador-personagem, ora personagem – não só abre e fecha, mas também nos conduz ao longo da narrativa cinematográfica. Temos a impressão de que é ele quem narra toda a história a que assistimos e ouvimos e de que tudo o que passamos a ter conhecimento sobre o Vale de Javé é por meio de seu ponto de vista. (Persicano, 2017, p. 517).

Como já foi exposto páginas atrás, o Vale de Javé sofre a ameaça da construção de uma usina hidrelétrica e, para evitar a inundação de Javé, seus moradores pensam em um meio de conseguir salvar o lugar, escrever o “livro da salvação”, particularmente o personagem principal, Antônio Biá, que seria a única pessoa apta a escrever o livro por ser o único morador da localidade que sabe ler e escrever; o livro é proposto na intenção de fazer com que Javé se torne um patrimônio histórico com base na perspectiva de que, só com uma validação por escrito, seria possível salvar o lugar. Segundo Alves (2006),

Com essas sequências, *Narradores de Javé* provavelmente leva a refletir sobre o seguinte aspecto: identificar espaços em que os traços caracterizadores da sociedade como informacional – o registro, a documentação, os arquivos, os acervos, a tecnologia etc. não são evidentes não significa dizer que não haja informação e conhecimento, mas sim que eles estão fixados em uma outra instância, volátil, que é a da oralidade, do boca a boca, e que deve ser especialmente analisada. O povo de Javé, que simboliza os integrantes das comunidades ribeirinhas inundadas para a criação de represas, faz parte desse grupo, enquanto detentor de informação, de conhecimento e de uma memória (Alves, 2006, p. 88).

É perceptível como a escrita, nesse contexto da história, é usada como um instrumento de manipulação e poder, pois existe uma necessidade de que a história de Javé seja documentada, antes do que para a preservação histórica cultural daquele povo, para influenciar uma decisão política e econômica que está afetando o povoado. O filme explora como a escrita pode ser utilizada como uma forma de resistência mas também como uma ferramenta de negociação, o que no filme não parece muito justo, pois a falta de familiaridade com a escrita cria desafios para os moradores locais. A necessidade de haver um documento que narre a história da localidade evidencia a necessidade de se validar histórias contadas de forma oral no suporte escrito, embora, segundo Galvão e Batista (2006, p. 420), “a escrita distancia de forma mais evidente e efetiva sua própria forma, tornando-se mais abstrata, mais afastada da palavra sonora”.

Em *Narradores de Javé*, conforme os moradores vão dando seus relatos, vai se tornando perceptível que cada um conta a “verdade” a seu modo, o que deixa transparecer que nas narrativas orais são possíveis e comuns as contradições, pois, no boca a boca, cada indivíduo efetua seu relato a partir de seus objetivos; essa questão fica explícita no filme: a memória é criativa. Conforme afirma Bergamaschi:

Nas sociedades de tradição oral não há necessidade de memorização integral, palavra por palavra, mas o comportamento narrativo como papel mnemônico tem a função de atualizar o passado: enquanto a reprodução mnemônica palavra por palavra está ligada à escrita, as sociedades sem escrita, excetuando certas práticas de memorização das quais a principal é o canto, atribuem à memória mais liberdade e mais possibilidades criativas (Bergamaschi, *s/d*, p.4).

Essa afirmação condiz com a visão de Bastos sobre o filme:

Não obstante, que os moradores de Javé revelam suas narrativas em torno da fundação a partir de suas visões de mundo, anseios, valores e afetividades, nos quais muitas vezes vinculam esta origem do povoado aos seus familiares em que há uma demonstração íntima do passado (memória) com a subjetividade. (Bastos, 2008, p. 6).

Na história oral, quem conta algo faz introduzindo suas ideias e pensamentos, trazendo a memória de forma afetiva. A narrativa oral é inicialmente a principal forma de preservação da história de Javé. Os narradores compartilham suas lembranças, criando uma colcha de retalhos rica e viva da cultura local. No entanto, a narrativa escrita, introduzida posteriormente como um meio de documentação, revela suas próprias complexidades, pois o ato de escrever também modifica e muitas vezes distorce as histórias originais, ainda mais tendo como o escrivão dessa história Antonio Biá, que distorce o que é dito também introduzindo suas ideias

e pensamentos para florear a história. Para Marcuschi (2008, p.36), "A escrita, por sua vez, pelo fato de ser pautada pelo padrão, não é estigmatizadora e não serve como fator de identidade individual ou grupal". No entanto, o autor complementa que, por meio de casos de literatura regionais, é possível escapar desse suposto padrão. Na história, mesmo quando o conteúdo é de natureza científica, os relatos muitas vezes envolvem narrativas regionais específicas daquele povo, logo dando margem para que Biá pudesse escrever da forma que melhor quisesse e entendesse.

Em meio às narrativas que é possível identificar no filme, é interessante também analisar outras formas de expressão nas práticas sociais orais locais, como, por exemplo, na cena em que o personagem Vado, ao dizer que nunca iria andar com um sujeito igual Antônio Biá, para reafirmar sua fala ele cospe no chão, o que pode ser visto como um gesto de assertividade, jura ou desafio. Alguém pode cuspir no chão também como uma resposta a uma situação desafiadora, indicando uma atitude de resistência. Porém, é de suma importância destacar que o significado associado a essa expressão pode variar de forma ampla de acordo com o contexto cultural, social e narrativo. Em Javé, mesmo apesar de ter jurado e cuspidido no chão, Vado volta a andar com Antonio Biá logo em seguida.

6 REPRESENTAÇÕES DE ORALIDADE E ESCRITA NO FILME *NARRADORES DE JAVÉ*

6.1 METODOLOGIA

Para analisar as diversas representações de oralidade e escrita presentes no filme *Narradores de Javé*, utilizei um sistema de tabelas que demandou um trabalho minucioso em várias etapas. Inicialmente, construí uma tabela que incluía informações como indicação de tempo, descrição da cena e referências a narrativas e discursos considerados como discursos de verdade, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Posteriormente, adicionei uma coluna à tabela para identificar exclusivamente quais cenas e partes se referiam à oralidade e quais à escrita. Ao chegar ao ponto crucial da análise, a última etapa do processo, agrupei e classifiquei as diferentes representações da escrita e da oralidade em uma nova tabela.

Com as representações identificadas já agrupadas em categorias, examinei como cada cena selecionada representava esses aspectos, sequenciando as cenas já para construir minha análise, a qual apresento nas seções a seguir.

6.2 REPRESENTAÇÕES DE ORALIDADE NO FILME *NARRADORES DE JAVÉ*

A primeira representação da oralidade a destacar em *Narradores de Javé* é a oralidade como forma privilegiada de contação de história. Desde o início do filme, é possível visualizar Zaqueu, o personagem que dá voz à história de Javé, sentado no banco do bar, com pessoas ao seu redor escutando sua história: “Aconteceu no Vale do Javé...” marca o ponto de partida do relato. Mais adiante, Zaqueu, após ser questionado por Biá sobre o quê de importante teria acontecido em Javé, responde que a maneira de saber o que aconteceu no Vale de Javé é ouvindo “a nossa gente contando essas histórias”. Esta representação está presente em toda cena que Antonio Biá entra na casa de alguém para ouvir o que esse alguém tem a dizer e anotar tudo que for importante para colocar no livro. Ela está presente, portanto, na visita à casa de Vicentino, ou à casa de Deodora, ou à casa do Gêmeo e do Outro, de Daniel... Em todas essas cenas a oralidade é representada como a modalidade exclusiva para contação de histórias.

A segunda representação recorrente que pude identificar na análise é aquela que diz respeito às histórias contadas na oralidade serem versões, verdades parciais, pois cada narrativa é elaborada a partir do ponto de vista de quem está contando a história e a partir dos seus objetivos particulares. Assim, por exemplo, seu Vicentino conta sua história, segurando uma arma nas mãos e afirmando com veemência que não troca a arma por dinheiro nenhum, nem por favor nenhum, pois a arma já esteve no punho de Indalécio, o fundador de Javé, que seria um antepassado seu: “É sabido, quase certo, que eu seja descendente, indireto, daquele nobre chefe de guerra.” Na cena em que Deodora conta sua versão da história, ela é interrompida por Vado, pois à narrativa de Deodora de que o pessoal teria saído fugido, Vado contrapõe a sua de que as pessoas saíram em retirada, o que seria diferente de fugir.

Em uma cena crucial, Vado faz um questionamento importante a Biá: “Mas então como é que fica, seu Biá?”. Biá responde que não sabe, que ele teria que colocar as duas versões da história no livro e, por fim, decide pôr a história em votação. Porém, na votação, Vado percebe que dona Maria levantou a mão duas vezes, então dona Maria se defende da seguinte forma: “Mas acontece que as duas histórias têm sentido. Não se pode tirar uma sem o prejuízo da outra.” Vado argumenta, porém, que o livro não pode contar as duas versões. Cria-se uma confusão e Biá diz que mais tarde voltará para colher provas, porque é assim que se procede na ciência.

Outra representação da oralidade diz respeito aos questionamentos e controvérsias que levanta, outra representação presente desde o início do filme, quando Sousa, no bar, questiona Zaqueu sobre como o povo iria defender as terras de Javé: “Como é que aquele povo de Javé ia conseguir defender uma terra que estava assim só apalavrada?”. Essa representação está

presenta também quando Zaqueu fala sobre entregar algo científico, algo que não seja duvidoso, o que nos leva a concluir que a representação da oralidade é de uma modalidade cujas narrativas não têm comprovação e podem suscitar questionamentos. Na cena em que Vicentino conta partes de sua história, ele pergunta a Biá: “E o senhor, não vai escrever?” e Biá lhe responde questionando sua história: “Ninguém entrega um boi de graça”, diz Biá, “Essa parte aí tem que melhorar”, representação as histórias da oralidade como histórias inventadas ou adulteradas, que podem ou precisam ser melhor inventadas. É porque as histórias da oralidade seriam histórias inventadas que Biá se sente no direito de reinventá-las na sua escrita: Seu Vicentino questiona Biá sobre sua forma de recontar a história, perguntando: “Você já tá querendo inventar, é?”, ao que Biá responde: “Inventar, não. Mas florear um bocadinho”. Essa representação é confirmada também na cena em que Biá para no barbeiro para fazer sua barba e o barbeiro pergunta a Biá como está indo o andamento do livro, se as pessoas estão colaborando e se Biá poderia “botar meu nome com uma boa história nesse livro aí, mesmo que fosse um pouquinho arranjada”.

As histórias da oralidade como histórias que levantam controvérsias são representadas assim também quando Deodora está contando sua história e Firmino a interrompe falando que “tá virando verdade coisa que nunca se deu” e contando uma versão bem diferente sobre a história de Mariardina para Biá: ela nunca teria sido do bando de Indalécio, porque antes dele chegar com os retirados, Mariardina corria feito cachorra doida. Firmino reafirma sua versão falando para Biá que pode lhe dar a prova de tudo que ele está dizendo (“E aquelas, óia, científica”). Enquanto Biá está com o lápis na mão escrevendo, Deodora contesta a versão contada por Firmino, dando a seguinte ordem a Biá: “O senhor escreva a história que eu lhe ditei, que é a história certa, viu?” Firmino rebate dizendo que “história certa é a que foi, não a que você inventou”, numa representação da narrativa oral como uma narrativa da qual pode ser questionada a veracidade.

Na casa do Gêmeo e do Outro, sua narrativa é interrompida por Deodora, que está atrás ouvindo a história, e questiona dizendo que a história que eles estão contando não é história que mereça entrar no livro, o que é mais uma representação das histórias contadas oralmente como algo que pode ser facilmente deslegitimado. Logo após, Biá também se questiona o que está fazendo ali, acha irrelevante e desinteressante a discussão em torno dos pais deles. O Gêmeo, contudo, pede que Biá coloque no livro que ele é o filho legítimo e que a ossada de Indalécio está enterrada na sua casa. Contudo, após uma briga entre o Gêmeo e o Outro sobre qual das suas histórias é verdadeira, Biá desiste e sai da casa.

No desenlace do filme, quando Zaqueu chega na reunião que está acontecendo na Igreja e questiona Biá sobre o livro, com a apreensão do povo motivada pelos engenheiros já estarem dando início aos trabalhos da construção da represa, Biá fala que ainda não pode entregar o livro porque está faltando escrever mais umas quatro ou cinco páginas. Zaqueu pede para ver até onde ele escreveu, mas Biá, então, fala para ele esperá-lo no armazém, que lá irá lhe entregar tudo que já escreveu. Aqui as narrativas orais são de novo representadas como algo frágil, questionável, que não se ancora na verdade, pois Biá está descumprindo aquilo que prometeu apenas pelo ato da palavra. Biá reforça a representação das histórias orais como histórias inventadas quando fala para o povo que Javé é um lugar que não iria ser salvo por um livro afirmando que “Nós somos, é, só um povinho ignorante, que quase não escreve o próprio nome, mas inventa histórias de grandeza”.

Finalmente, outra representação que é possível identificar pela sua recorrência no filme é a oralidade como forma privilegiada de anúncio e compartilhamento de informações: Zaqueu, reunido com o povo do Vale de Javé, anuncia oralmente a construção da barragem; Zaqueu também fará oralmente o anúncio às autoridades de que o povo está se unindo e organizando para preparar os documentos que justifiquem a salvaguarda do Vale. Igualmente, é possível destacar também como exemplos dessa representação a cena em que Vado, chamado por Zaqueu, chega de frente para o povo reunido e conta sobre o que ouviu dos engenheiros a respeito da construção da barragem ou a cena em que Zaqueu, questionado por Sousa no bar quanto ao que Antonio Biá tinha feito para que ninguém gostasse dele, após contar a história dele nos correios afirma que “história dos outros em boca de gente corre mais rápido que o vento”, firmando essa representação da oralidade como forma privilegiada, rápida e eficaz de compartilhamento de informações entre as pessoas.

6.3 REPRESENTAÇÕES DE ESCRITA NO FILME *NARRADORES DE JAVÉ*

Assim como a oralidade, há diversas representações da modalidade escrita que atravessam o filme pela sua constância, principalmente como uma forma de registro legítimo e oficial, o qual poderia, por exemplo, fazer com que ocorra o tombamento da cidade: na narrativa do filme, faz-se necessário que exista um livro científico onde sejam expostas as histórias sobre a cidade. Assim, todo o enredo do filme gira em torno da importância de se registrar a história de um povo através da escrita para que este possa ser protegido. Esta representação aparece já logo no início do filme, quando Zaqueu propõe sua ideia de escrever e colocar toda a história

do povo no papel, tirar tudo que é importante das falas dos moradores e colocá-lo no papel para conseguir tombar a cidade. Esta representação aparece também na cena em que Zaqueu está de frente para a comunidade de Javé e, com as cartas na mão, afirma a Biá que o povo não esquece: as cartas, a escrita, são provas do que ocorreu. Ao dizer que “se Antônio Biá só escreve mentira, ele escreve muito bem”, a representação da escrita como meio de registro legítimo é fortalecida pois, mesmo que algo escrito não seja verdade, se for bem escrito pode ter valia.

Outra cena em que podemos identificar esta representação é quando Antonio Biá, na casa de Vicentino, ao ouvir sua história, apenas escreve ‘Indalécio’ no livro e, pouco tempo depois, Vicentino pausa sua narração ao perceber que Biá não está escrevendo no livro: “Por que você não está escrevendo?”, questiona Vicentino, “Eu não tô vendo que você não está mexendo a mão em cima desse papel”. Logo depois ele pede o seguinte, já visivelmente irritado: “O senhor me faz um favor? O senhor volte atrás e escreve exatamente como eu lhe ditei”. Esse pedido de que seja escrito tudo que está sendo contado da mesma forma em que a narrativa foi contada oralmente reforça a representação da escrita como busca pela verdade, pela legitimidade, pela fidelidade do que está sendo contado.

Outra cena em que a escrita é representada como forma de registro legítimo, verdadeiro, é aquela em que Deodora novamente pede para que Biá comece a escrever de forma fiel ao que lhe está sendo contado. A associação entre escrita e verdade se fortalece na referência às provas, que seriam necessárias para o registro escrito. Assim, Firmino diz à Biá que pode escrever sua versão da história porque tem provas científicas.

Outra representação, contudo, é aquela que representa as histórias escritas também como histórias que podem ser questionadas ou que não são completamente fieis a uma suposta verdade única. Essa representação está presente, por exemplo, na cena, que já foi comentada anteriormente, em que Vado questiona Biá perguntando “Mas então como é que fica, seu Biá?” e Biá diz que não sabe, pois ele precisaria colocar as duas versões da história no livro, apesar de não serem coerentes entre si, e finalmente, propõe uma votação e Dona Maria levanta a mão duas vezes, votando a favor de incluir as duas versões da história no livro, pois “acontece que as duas histórias tem sentido.”

Finalmente, a representação das histórias escritas como histórias que podem ter sua legitimidade ou validade questionadas é reforçada quando Biá, prendido pelo povo, questiona: “Vocês acham que escrever essas histórias vai parar a represa?” e ele mesmo responde dizendo que não, ou quando Zaqueu, concluindo sua narração da história, diz “Quem quiser que escreva diferente”, equiparando a oralidade à escrita quanto a que qualquer história, em qualquer modalidade, sempre será contada de forma diferente por cada narrador.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, busquei apresentar uma análise do filme *Narradores de Javé*, particularmente sobre as representações das modalidades oral e escrita da linguagem e as narrativas associadas a elas, incluindo uma descrição detalhada do enredo e do desenvolvimento da trama. Na fundamentação teórica, foi explorada a relação entre memória, história, oralidade e cinema, contextualizando sua importância tanto teórica quanto histórica para a humanidade, com destaque para sua relevância em comunidades indígenas brasileiras e em comunidades africanas, onde o conhecimento é transmitido oralmente como parte integrante da cultura, contribuindo para a preservação da história e das tradições. Nesse sentido, foi discutida a importância dos *griots* na cultura africana como guardiões das narrativas e transmissores de conhecimento através da oralidade. Além disso, foram examinadas as representações da memória e da oralidade no cinema, evidenciando como as narrativas cinematográficas podem evocar experiências passadas no espectador, bem como representar eventos históricos importantes. Foi também analisado o papel do cinema na construção das narrativas, considerando se estas são biográficas ou ficcionais e a perspectiva dos narradores em relação aos eventos retratados. Dessa forma, através da reflexão em torno do filme, a discussão se ampliou para questões mais abrangentes sobre a memória, a oralidade e a representação cinematográfica, oferecendo uma reflexão sobre como esses elementos influenciam nossa compreensão da história e da cultura.

Abordando diversas representações em torno da memória, a oralidade, a narrativa e a escrita, o filme *Narradores de Javé* se desenvolve em uma comunidade não alfabetizada que busca sua salvação (perante a ameaça da sua inundação para a construção de uma barragem) registrando as histórias narradas de forma oral pelos próprios membros da comunidade, já que essas histórias teriam grande valor se transcritas em um livro, o livro da salvação. Foi possível analisar a forma como o filme representa a oralidade e a escrita no esforço dos moradores por preservarem sua memória e sua história, as quais recontam sempre a partir dos seus pontos de vista e objetivos específicos. Em relação à escrita, a conclusão é que ela não se afasta tanto da oralidade porque ela também sempre conta as histórias a partir de uma perspectiva (a de quem escreve) e ela não garante a “salvação” de comunidades tradicionais perante o “progresso” representado pela chegada da barragem.

Fiz uma análise na qual tentei identificar as diversas representações sobre as modalidades oral e escrita da linguagem e as narrativas associadas a elas que são perceptíveis no filme *Narradores de Javé*. As representações da oralidade identificadas na análise foram:

como forma privilegiada de contar histórias, como narrativas parciais, passíveis de questionamentos e controvérsias e como meio privilegiado de anúncio e compartilhamento de informações entre as pessoas. Em relação às representações da escrita foram perceptíveis: a representação da escrita como meio privilegiado de registro legítimo e oficial da história (e como forma de “salvação”); a representação da escrita como uma modalidade em que são produzidas narrativas que também podem ser alvo de questionamentos sobre sua veracidade. A conclusão do filme é que a oralidade e a escrita têm o mesmo poder de verdade e que a segunda por si só não será capaz de salvar comunidades tradicionais e suas histórias contra a chegada do “progresso”. Assim, a impossibilidade (ou, quanto menos, a dificuldade) da preservação da tradição oral acaba emergindo como conclusão central do filme e da análise. Contudo, o filme contribui para que a sociedade reconheça que há valor significativo nas histórias transmitidas oralmente e que essas narrativas são verdadeiros registros culturais que residem nas pessoas que as guardam e as compartilham com as futuras gerações. Assim, *Narradores de Javé* não apenas nos proporciona entretenimento, mas também nos convida a refletir sobre a riqueza e a importância das tradições orais em nossa sociedade. *Narradores de Javé* busca fazer com que as pessoas ditas letradas reflitam sobre o quanto de valor há no segmento da sociedade brasileira que ainda não aprendeu a ler e escrever mas guarda na memória a sua história. Explorando o rico universo das narrativas orais, este trabalho buscou contribuir para desmistificar a noção de que apenas o que está registrado por escrito é válido, enfatizando a importância e o valor das histórias contadas de boca em boca para a preservação da nossa cultura.

Acredito que este trabalho pode ajudar a abrir caminhos para uma maior exploração e estudo das histórias orais presentes em nosso país e especialmente na região Nordeste, possibilitando uma análise mais aprofundada do contexto histórico e uma imersão maior na memória coletiva de nosso povo. Deixo aqui registrado o valor da oralidade e suas narrativas, que permeiam e enriquecem todas as camadas de nossa sociedade, mesmo por meio de uma alusão ao fictício que conserva em sua totalidade o real.

REFERÊNCIAS

- ALVES, ASSUNÇÃO E, Carolina. **Narradores de Javé: Uma Análise Semiolinguística do Discurso Fílmico**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6V4HJ5/1/disserta_o_carol.pdf. Acesso em: 11 de Abril de 2024.
- ALVES, Douglas Moreira. História, Cinema e Memória. In: VIII Congresso Internacional de História, XXII Semana de história, de 9 a 11 de outubro de 2017, 2343 - 2351. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3922.pdf>. Acesso em: 11 de abril de 2024.
- BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf Acesso em: 14 de abril de 2024.
- BASTOS, Adeilma Carneiro. Narradores de Javé e as possibilidades de leitura para o ensino de história. In: **XIII Encontro Estadual da ANPUH: História e Historiografia entre o Nacional e o Regional**, 2008, Guarabira. XIII Encontro Estadual da ANPUH: História e Historiografia entre o Nacional e o Regional, 2008. p. 1-7.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Narradores de Javé: A memória entre a tradição oral e a escrita**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, s/d., p. 1-4.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral e Narrativa: Tempo, Memória e Identidades**. Revista História Oral – Associação Brasileira de História Oral, n. 6, pp. 9-25, jul. 2003. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62/54> Acesso em: 14 de Abril de 2024.
- EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória, In: **Revista Releitura**, Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, n. 23, 2008. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/revista_releitura_v23.pdf Acesso: 11 de Abril de 2024.
- FREITAS, Cristiane. Da memória ao Cinema. 1. ed. Rio de Janeiro: Logos-UERJ, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14591/11054> Acesso em: 14 de Abril de 2024.
- GALVÃO, Ana Maria. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. (2006). Oralidade e escrita: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 36, n. 128, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a07> Acesso em: 11 de abril de 2024.
- GUEROLA, Carlos Maroto. A reconstrução intercultural dos direitos humanos linguísticos escolares guarani: Horizontes sociais e letramento. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 53, n. 1, p. 225-241, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?fil>

[e=https%3A%2F%2Fperiodicos.sbu.unicamp.br%2Fojs%2Findex.php%2Ftla%2Farticle%2Fdownload%2F8647370%2F14315%2F22104](https://periodicos.sbu.unicamp.br/fojs/index.php/tla/article/download/2F8647370/2F14315/2F22104) Acesso em: 11 de Abril de 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MOURA, Hudson. **Oralidade e fabulação no cinema documentário**. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Covilhã, Portugal, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-hudson-oralidade-e-fabulacao.pdf> Acesso em: 11 de abril de 2024.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani. Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions. Distribuição: Riofilme. Tempo de Duração: 100 minutos. Ano de Lançamento (Brasil): 2004. Disponível em: https://youtu.be/Trm-CyihYs8?si=ZBhxGjbX_58SjQX8 Acesso em: 11 de Abril de 2024.

PEREIRA, Auricélia Lopes; LIRA, Silvano Fidelis de. **“Narradores de Javé” ou a construção subjetiva da memória**: sensibilidades e narrativa(s). (propeq/pibic), Campina Grande – PB, 2011, p. 1-10.

PAYER, Maria Onice. Discurso, memória e oralidade. Horizontes, v. 23, n. 1, p. 47-56, jan./jun. 2005.

PERSICANO, Léa Evangelista. As narrativas e a (não) escritura do dossiê científico em Narradores de Javé. In: Anais do II Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SINALEL)–Linguagem, História e Memória. Volume 25, p. 516-528, 2017.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice de. **Cantos da Floresta**: Iniciação ao Universo Musical Indígena. São Paulo: Peirópolis, 2017.

SOUZA, Josiley Francisco de. **Pedro Braga**: Uma Voz no Vau. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 150, Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6M3N6K/1/disserta_ajosiley.pdf. Acesso em: 11 de Abril de 2024.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. O contexto social e a construção da identidade no sertão nordestino/Brasil – releituras do filme Narradores de Javé. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 15, n. 3, p. 162 – 173, dez. 2021.